

A ação passa-se numa pequena cidade do Sul da Alemanha, no início dos anos 30. Mas as inquietações sobre os mecanismos da democracia para se defender do totalitarismo continuam tema atual



Noite da liberdade ou os sinuosos caminhos da democracia

Almada. Refletir sobre a democracia continua a ser um tema tão atual hoje como em 1931 quando o alemão Ödön von Horváth escreveu esta peça de teatro, antes da subida de Hitler ao poder

ANA CARREIRA

Na sala principal do Teatro Municipal Joaquim Benite, o bar de Joseph Leninger já abriu. Pelo rádio ouve-se relatos de futebol e antigos anúncios. Parece que o Cova da Piedade joga contra o Arouca. Joga-se às cartas e lê-se o jornal. *A Noite da Liberdade*, de Ödön von Horváth, passa-se em 1931. Mas podia ser hoje. E há alguém que se levanta. “Então, Martin, o que há no mundo?”, pergunta. “Nada de novo, tudo na mesma.” “Temos a democracia, meu caro Martin.” Será?

Essa é a reflexão levantada pelo dramaturgo alemão, antes da subida de Hitler ao poder, e atualizada na encenação de Rodrigo Francisco, na última criação da Companhia de Teatro de Almada. “De que mecanismos dispõe a democracia para se defender do totalitarismo, quando é o próprio povo quem expressa, democraticamente, a vontade da sua abolição?”, escreve o encenador na apresentação de *Noite de Liberdade*, que se estreia

na sexta-feira, no Teatro Municipal Joaquim Benite.

Ideologia ou ação?

Estamos numa pequena cidade do Sul da Alemanha, início dos anos 30. Tudo acontece na taberna Josef Lehninger que aluga o seu estabelecimento, durante a tarde, aos fascistas para se celebrar o Dia da Pátria. À noite, abre portas aos republicanos para os festejos da *Noite da Liberdade*. Ödön von Horváth, um dos maiores nomes da dramaturgia alemã da primeira metade do século XX e exilado em 1936, descreve a forma como na Alemanha de Weimar, os sociais-democratas não foram capazes de travar o avanço do nacional socialismo.

É neste contexto que assistimos à luta entre a secção do Partido Socialista local e os nazis que prepararam o seu Dia da Pátria. O confronto político, geracional e ideológico é levado a lume, enquanto a tensão ganha corpo entre as principais personagens, cada uma simbolizando o combate entre o individual e o coletivo, a batalha entre a ambição pelo poder e a retidão de

carácter. Ou o ego acorrentado à ilusão de servir a causa, no caso de Martin, o jovem idealista revolucionário numa fação mais à esquerda que se insurge, feroz, contra a passividade dos mais velhos do seu partido.

“Martin é o idealista, o revolucionário puro contra aqueles que estão a deixar as coisas acontecer sem se mobilizar. É uma peça muito pertinente nos dias que correm”, diz o ator que arrisca fazer um paralelismo com uma “certa descrença presente nos dias de hoje”. Guilherme Filipe, pela primeira vez a trabalhar em Almada, acrescenta à intemporalidade do texto a realidade dos acontecimentos políticos dos últimos dias. Ele é Afonso Ametsberger, vereador da câmara e presidente do Partido, a antítese de Martin, segundo o ator. “Falamos os dois a mesma linguagem, mas ninguém quer ceder o seu posto. O meu é o de raposa velha e o dele o de raposa nova!”

Tal como Guilherme Filipe, que se estreia nas “fábuas” do teatro de Joaquim Benite, também a atriz Jo Appoloni, convidada especial, pisa

pela primeira vez o palco principal. “Eu faço dois papéis, de prostituta no primeiro ato, e no segundo sou uma viúva que vai cantar, é este o milagre do teatro, ver nascer e construir personagens, a peça é muito interessante!”, conta.

Não seria outra a missão de Rodrigo Francisco. “Fazer teatro nunca será para mim um ato de entretenimento, esta é, sem dúvida, uma boa oportunidade para se refletir sobre a defesa da democracia, sobre a nossa formação enquanto democratas”, considera. Foi há dois anos que pensou em *Noite da Liberdade*. Em 2016, a peça desenhava-se ainda mais atual. “Agora, infelizmente, com tudo o que está a acontecer na Europa e no mundo, o alerta é ainda mais urgente. E é esse o nosso contributo.”

NOITE DA LIBERDADE

De Ödön von Horváth, com encenação de Rodrigo Francisco Teatro Municipal Joaquim Benite De 2 a 11 de dezembro e de 11 a 29 de janeiro, de quarta a sábado, às 21.00 e domingos, às 16.00 Bilhetes: entre 6,5€ e 13€